



WAGNER, ROY. **A INVENÇÃO DA CULTURA**. SÃO PAULO: COSAC NAIFY. 2012 (1975).

Resenha Crítica

Vagner Gomes Bijagó¹
vbijago@bol.com.br

Logo no primeiro capítulo do seu Livro intitulado a “Invenção da Cultura”, Roy Wagner nos relembra que a Antropologia estuda o fenômeno do homem, a mente do homem, seu corpo e sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, como elemento de um padrão geral ou de um todo. Nesse sentido, segundo ele, para evidenciar esse fato e somá-lo a seus esforços, os antropólogos lançaram uma palavra de uso comum para nomear o fenômeno e difundir o seu uso. Essa palavra responde por nome de cultura.

Com efeito, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre as questões particulares do homem, o que não anula as suas ambiguidades, é claro. O aludido autor observa que de modo geral, o conceito de cultura é completamente vinculado ao pensamento antropológico, ao ponto de se perceber o antropólogo como sujeito ou alguém que usa a palavra “cultura” como esperança ou mesmo com fé. Mas logo no paragrafo seguinte, o autor parece sair em defesa do antropólogo, denotando que a perspectiva do antropólogo é essencialmente grandiosa e de longo alcance, uma vez que o fenômeno do homem implica numa comparação com os outros elementos do universo. Isto é: sociedades animais e espécies vivas, com os fatos que remetem à vida, à matéria ao espaço e assim por diante.

Nesse sentido, o autor chama atenção para aquilo que denominou de “inflação da cultura”. Esta inflação ancora-se na ideia da característica antropológica de estudar o homem no sentido mais lato e ao mesmo tempo tão básico em busca de uma

¹ Docente no Núcleo Humanidades - UFAL Campus Sertão



compreensão através da ideia da cultura, da sua singularidade assim como da sua diversidade. Sendo assim, na perspectiva do autor, esta noção coloca uma questão peculiar para essa ciência. Qual seja: a epistemologia que considera o “significado do significado”, ou seja, segundo o autor esta noção coloca uma questão peculiar para a ciência. Isto é: a epistemologia que considera o “significado do significado”, como o psicólogo, que pensa como as pessoas pensam, da mesma forma, o antropólogo é obrigado a si incluir, isto é, a sua visão de mundo o seu modo de viver em seu objeto de estudo. Em outras palavras, se auto investigar.

Com efeito, podemos afirmar que o antropólogo possui características típicas, pois, parte da sua cultura para estudar a cultura do outro e as culturas em geral. Mas para a validade da consecução do seu ofício, nos diz Roy Wagner que: o antropólogo precisa renunciar a clássica pretensão racionalista de objetividade absoluta em favor de uma objetividade relativa. Por forma a explicitar o seu propósito, metodológico, Roy Wagner nos apresentou o conceito de objetividade relativa e objetividade absoluta.

Para ele, a objetividade relativa pode ser alcançada através da compreensão das tendências, maneiras pelas quais nossa cultura nos permite compreender uma outra e as limitações que isso impõe a tal compreensão. Ao passo que, a objetividade “absoluta” exige que antropólogo não tivesse véis, e portanto, nenhuma cultura. Nesse sentido, Roy Wagner foi muito feliz ao colocar entre aspas a palavra **absoluta** no seu conceito de Objetividade “Absoluta”, pois do contrário poderia gerar um avalanche de críticas, ou mesmo de um conceito que já nasce morto. Uma vez que já é um consenso nas ciências sociais, da impossibilidade de objetividade absoluta. O que nos remete necessariamente à queda de braço entre Durkheim e Weber, no qual o primeiro perfilava pela objetividade absoluta e o segundo acenava para o conceito da neutralidade axiológica, denotando assim, os limites de uma pretensa neutralidade absoluta.

Com efeito, a noção de objetividade relativa de Roy Wagner traz no seu bojo, um olhar “relativista da cultura”. O autor em questão mobiliza elementos lógicos, ainda que questionáveis, para sustentar a especificidade do trabalho antropológico em comparação com as outras áreas vizinhas, tal como: a Arqueologia, e a Sociologia; pontuando a vocação antropológica por uma pesquisa mais abrangente e densa.



Promovendo deste modo, aquilo que ele denomina de um sinal de igualdade invisível entre o conhecedor que vem para conhecer a si próprio e o conhecido que constitui uma comunidade de conhecedores.

Outro conceito que se apresentou como uma contribuição importante - tem a ver com a ideia que o antropólogo “inventa” a cultura que ele estuda. Mas nesse sentido, a palavra invenção ganha outro sentido e significado. Pois está para além das elucubrações mentais do pesquisador, a exemplo de alguns relatos “cabeludos” dos viajantes. Na sua concepção, a “invenção” da cultura pelo antropólogo, resulta de uma pesquisa objetiva de outra cultura por meio de observação e aprendizado. No qual, a cultura a estudada se torna “visível” e “plausível” para ele. Nesse caso, a visibilidade que ele alude é em contraposição à cultura do antropólogo, que antes era algo dado, isto é, não refletida. O contato com a outra cultura provoca uma análise da cultura exógena e uma necessidade de autoanálise. Nesse sentido, Roy Wagner sabiamente alerta que: no ato de inventar outra cultura, o antropólogo acaba inventando a sua própria noção de cultura.

Em seguida, Roy Wagner faz um panorama daquilo que entende como a maior dificuldade do antropólogo no campo; as questões práticas. Nos dá ponto de situação de maneira clara e didática das dificuldades que espera o antropólogo na chegada a uma nova cultura, a esta realidade ele dá o nome de choque cultural.

Ao abordar sobre a apropriação da cultura do outro, ele parece tecer críticas a uma certa visão ou concepção a respeito da conversão do antropólogo “virar o nativo”. Ele propõe que, o Antropólogo não pode simplesmente “aprender” uma nova cultura e situá-lo ao lado daquele que já conhece. Mas deve antes de mais nada, “assumi-la por forma a experimentar uma transformação do seu próprio universo. Esta passagem não deixa dúvidas que estamos diante de um flagrante crítica de uma certa concepção metodológica.

Por forma a evitar um mal entendido, ou mesmo uma confusão de percepção, o aludido autor aconselha a manter a chama de “forasteiro” acesa ao mesmo tempo em que se relaciona com a própria cultura como uma espécie de nativo metafórico. Esta estratégia metodológica é apontada pelo autor como causador de alguns equívocos ou

confusões ao seu interlocutor endógeno e exógeno, pois, os de dentro tendem a achar que ele já “virou um nativo” e os de fora – nativos acham ele quase que frequentemente um espião do governo.

Nesse sentido, o antropólogo não escapa da sua própria invenção, pois no processo de se confrontar com a outra cultura, a sua cultura se torna visível e essa visibilidade não ocorre impunemente, pois a invenção é relacional. Com efeito, no tangente a atribuição de significados o autor em debate observa que existe uma via de mão dupla nesse processo. Pois, ao mesmo tempo em que o antropólogo usa a noção de cultura para controlar suas experiências em campo, por sua vez, estas experiências passam a influenciar e a balizar a sua noção de cultura.

Com efeito, Roy Wagner desestabiliza a ideia sobre a noção de cultura como algo dado. Compreendendo que, “estudo da cultura é cultura”. Logo, no seu entendimento, uma antropologia que pretende ser consciente e desenvolver seu senso de “objetividade relativa” precisa trilhar por esse caminho.

Dito isto, ele sinaliza que todo empreendimento antropológico situa-se numa encruzilhada: podendo o pesquisador optar por uma experiência aberta e de criatividade mútua, na qual a cultura em geral é gerada por meio das “culturas” que criamos com o uso desse conceito, e a imposição das nossas próprias pré-noções a outros povos. Com efeito, recomenda que o passo fundamental seja simultaneamente ético e teórico, contido no seu bojo, a fidelidade e a noção de cultura como presunção. Para fundamentar a sua tese, observa que, toda vez que fazemos com que outros se tornem parte de uma “realidade” que inventamos sozinhos, negamos-lhes sua criatividade ao confiscar o seu direito de criar e tornamos-lhes subservientes a nós. Desta feita, Roy Wagner observa que, se a criatividade e invenção emergem como as qualidades salientes da cultura, então é para estas que devemos voltar o nosso foco.

À primeira vista, o leitor pode ficar apático com relação à leitura deste texto, a ideia de que tudo já foi dito a respeito da cultura. Haja vista o popular livro de bolso do Roque de Barros Laraia, “Cultura - um conceito antropológico”, mas o texto nos surpreende na medida em que traz questionamentos sobre aquilo que já parecia



sacramentado. Nesse sentido, se configura de muita valia para a necessária inquietação do pesquisador e a noção da dúvida enquanto mola propulsora da feitura científica.

